



SEÇÃO: DOSSIE

O eco das eleições 2018 no ciberespaço: as vozes das ruas nas redes (e vice-versa)

The eco of the 2018 elections in cyberspace: the voices of the streets on the networks (and vice versa)

Diulia Soares¹

orcid.org/0000-0001-8194-246X
diuliasoares@gmail.com

Recebido em: 26/10/2020.

Aprovado em: 23/12/2020.

Publicado em: 29/07/2021.

Resumo: Tem sido notável o crescimento de movimentos sociais como o Feminismo. Retirando-se perspectivas conservadoras sobre ele, é inegável sua necessidade, legitimidade e importância, assim como seus avanços e conquistas. As mudanças pelas quais estamos passando devido à inserção intensiva da internet no nosso cotidiano estão se refletindo também nas maneiras de luta, de debate e de expressão. Nesse sentido, é notável também o crescente número de mulheres engajadas, organizadas por seus direitos e como isso potencializa a força política dessas organizações. Manuel Castells (2012) afirma que a relação intrínseca entre ações sociopolíticas que se iniciam nas redes sociais e impactam multidões coesas e politicamente engajadas estão causando essas enormes mudanças nos rumos político-institucionais. É a partir dessa perspectiva que se pretende compreender a articulação ocorrida nas Eleições 2018 no Brasil. Nesse sentido, olharemos para a movimentação realizada pelas mulheres, conhecida como "Ele Não", e para as articulações realizadas por apoiadores do, então candidato, Jair Bolsonaro.

Palavras-chave: Eleições 2018. #EleNão. Mídias sociais.

Abstract: The growth of social movements such as Feminism has been remarkable. Removing conservative perspectives on it, its need, legitimacy, and importance, as well as advances and achievements, are undeniable. The changes we are going through due to the intensive insertion of the internet in our daily lives are also being reflected in the ways of struggle, debate, and expression. In this sense, it is also notable the growing number of women engaged, organized by their rights and how this enhances the political strength of these organizations. Manuel Castells (2012) states that the intrinsic relationship between socio-political actions that start on social networks and impact cohesive and politically engaged crowds are causing these huge changes in the political-institutional direction. It is from this perspective that we intend to understand the articulation that occurred in the 2018 Elections in Brazil. In this sense, we will look at the movement carried out by women, known as "Ele Não", and the articulations made by supporters of the then candidate Jair Bolsonaro.

Keywords: Elections 2018. #HeNo. Social media.

Introdução

O período eleitoral de 2018 no Brasil ficou marcado na história. Exceto na primeira eleição após a redemocratização, em 1989, quando 22 candidatos concorreram às eleições, esse foi o pleito em que mais pessoas buscaram a maioria dos votos dos eleitores brasileiros. Ao todo, 13 presidentiáveis almejavam o cargo máximo do Executivo nacional. Mas as disputas foram muito além de votos: o período ficou marcado principalmente pela efervescência



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Santa Catarina, SC, Brasil.

de discursos conservadores e de ódio, que, há muito, escondiam-se, talvez por medo, mas especialmente pelo fato de a sociedade, aparentemente, já não ter mais espaço para eles, além de uma polarização extremada. Essas vozes conservadoras, porém, encontraram no então candidato Jair Bolsonaro um eco, um amparo, um argumento que justificasse e desse razão aos discursos propagados contra as minorias, inclusive as mulheres.

Da mesma maneira que podemos observar a articulação das novas direitas em discursos de ódio legitimados pelo, na época, candidato Jair Bolsonaro, vale a pena olharmos, mais de perto, para a internet como palco das estratégias de campanha por parte de seus apoiadores, calcadas principalmente no uso do aplicativo de mensagens WhatsApp e na disseminação de notícias falsas que potencialmente afetaram o resultado das Eleições 2018. Foi nesse cenário que ocorreu também uma polarização violenta e reducionista, que colocava todos os adversários como inimigos: quem não estava ao seu lado estava contra você.

Os discursos dessas novas direitas, sustentados por uma perspectiva conservadora em relação aos costumes e liberal em relação à economia, também atacavam tudo aquilo que era considerado contrário à "moral e à família". Ou seja, foi aí que começaram os ataques direcionados, principalmente, ao rival com menor diferença de votos, Fernando Haddad, e ao seu mentor político, Lula, mas também a todos os candidatos que defenderam pautas relacionadas aos direitos LGBT+, aos direitos das mulheres e dos demais grupos minoritários. As cinco notícias falsas que potencialmente favoreceram a campanha de Bolsonaro, segundo a agência de verificação Aos Fatos (2018), são: 1. sobre a distribuição de um suposto "kit gay" às escolas, o qual ensinaria "ideologia de gênero" e sexualizaria as crianças; 2. sobre o agressor que tentou esfaquear Jair Bolsonaro ser ligado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ter, inclusive, aparecido em uma foto ao lado de Lula; 3. uma eleitora de Bolsonaro ter sido agredida por ter gritado "Bolsonaro" (para essa, em especial, utilizaram a fotografia da falecida atriz Beatriz Segall); 4. que Fernando Haddad defende

o incesto e a pedofilia em um livro escrito por ele; e 5. Haddad pretendia legalizar a pedofilia quando chegasse ao poder. Tais "notícias" foram amplamente divulgadas por meios digitais.

Diferentemente das eleições de 2014 nos Estados Unidos, quando Facebook e Twitter foram as plataformas escolhidas para o compartilhamento de notícias falsas, no Brasil, em 2018, foi por meio do WhatsApp que a disseminação ocorreu, somando força ao envolvimento das eleições com o digital. Outros elementos que atribuíram essa relevância à internet dizem respeito: a) ao tempo de campanha, que foi reduzido de 70 para 35 dias durante o primeiro turno em relação ao ano de 2014; b) à permissão de financiamentos coletivos *online* para arrecadação de fundos por parte dos candidatos; e c) à autorização de impulsionamentos e anúncios de publicações nas mídias sociais digitais.

O sociólogo Manuel Castells (2006) chama o engajamento individual na internet de *Mass Self Communication* ou, em tradução livre por nossa autoria, de *autocomunicação de massa*. Segundo ele, esse é um comportamento que se aproxima da comunicação de massa, mas, em vez de grandes conglomerados detentores de veículos de comunicação, coloca o indivíduo no centro do processo. "Na sociedade em rede, a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida." (CASTELLS, 2017, p. 24). As consequências imediatas são uma ampliação dos horizontes da produção, difusão e discussão de informações no *online* e, não raro, a produção de pautas na interação interpessoal dos sujeitos também em situações do cotidiano.

1 As novas direitas e seus discursos: eleições 2018 no Brasil

Jair Bolsonaro é a figura personificada, centralizadora e catalisadora dos discursos de ódio promovidos por esses movimentos das chamadas novas direitas. Assim, faz-se necessário direcionarmos nosso olhar também sobre a trajetória dos

movimentos de direita que levaram Bolsonaro à presidência, e que ampliam e autorizam os inflamados discursos de ódio, amplificados por seus apoiadores. Até as eleições de 2018, ainda podíamos viver sob a antiga perspectiva da "direita envergonhada", que, durante anos, não quis se assumir como tal, principalmente devido ao fato de essa linha política ser diretamente relacionada ao período da ditadura no Brasil (1964-1985). Após as eleições, ficou ainda mais enfático o movimento que pede, inclusive, o retorno dos militares ao poder, por meio de manifestações que iniciaram timidamente em 2013 e que foram ganhando espaço e adeptos. A memória, em relação a esse período, parece ser diferente para os adeptos dessa vertente política, para os quais as inúmeras mortes, torturas e perseguições políticas vivenciadas pela resistência à ditadura parecem não ser relevantes, sequer questionáveis.

Com a vitória de seu principal representante em 2018, o movimento das novas direitas (GALLEGO, 2018, p. 14) tem duas características principais: "ataque ao Estado como garantidor de direitos civis e humanos, diferente ao anterior neoliberalismo que desmontou o Estado de bem-estar social, e a obsessão por questões culturais". Arantes (2014) acredita que as Jornadas de Junho de 2013 foram responsáveis pela eclosão de "uma direita não convencional, que não está contemplada pelos esquemas tradicionais da política". Pode-se somar aos argumentos o antipetismo desenvolvido durante o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Assim, cria-se um denominador comum: "o uso de *direita*, no singular, precisa ser relativizado. O que existe hoje é a confluência de grupos diversos, cuja união é sobretudo pragmática e motivada pela percepção de um inimigo comum" (MIGUEL, 2018, p. 19, grifo do autor), seja ele o PT, seja quaisquer outras esferas sócio-político-culturais que possam ser identificadas com o referido partido ou atreladas especificamente a ele.²

As novas configurações das direitas atuais dizem respeito a três principais caminhos. O primeiro

é o fundamentalismo religioso, que escancarou sua força política a partir de 1990 e que possui discursos não necessariamente fanáticos, mas inteligentemente oportunistas, os quais, em outros momentos, apareciam de maneira velada. Membros dessa "linha" das novas direitas são detentores, inclusive, de veículos de comunicação, aos quais aliam esses discursos com a perspectiva ideológica da religião de sua base, formando uma espécie de agenda moral conservadora (MIGUEL, 2018). O segundo caminho é a reciclagem do anticomunismo, a constituição do inimigo comum, colocando o Partido dos Trabalhadores (PT) como representação comunista máxima no país, "gerando uma notável sobreposição entre anticomunismo e antipetismo". Graças à visibilidade que teve nas mídias tradicionais e à utilização competente das novas ferramentas tecnológicas, essa nova mobilização das direitas extremadas rompeu com o discurso hegemônico em defesa dos direitos, "destruindo consensos que pareciam assentados desde o final da ditadura militar" (MIGUEL, 2018, p. 22-23).

Há, ainda, a vertente do libertarianismo, que "prega o menor Estado possível e afirma que qualquer situação que nasça de mecanismos de mercado é justa por definição, por mais desigual que possa parecer". Ainda de acordo com Miguel, "o libertarianismo começa e termina no dogma da santidade dos contratos 'livremente' estabelecidos, reduz todos os direitos ao direito de propriedade e tem ojeriza por qualquer laço de solidariedade social". Esforça-se para colocar a igualdade como ameaça à liberdade, associa a igualdade com a esquerda e a liberdade com a direita, assim como coloca o Estado enquanto impositor e o mercado enquanto terreno de trocas "livres", compondo dois universos de sentido, cenário em que o primeiro, necessariamente, torna-se inimigo do segundo (MIGUEL, 2018, p. 19-20).

Para a filósofa Marilena Chauí (2016), o projeto neoliberal e o religioso estão interligados. O neoliberalismo concebe o indivíduo como investimento, não "como parte de uma classe social, nem

² Para saber mais, ver: PALUDO, Larissa Júlia. *O inimigo interno que ameaça a nação: um estudo sobre alteridade nos discursos de Jair Messias Bolsonaro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, RS, 2020.

como ser em formação que vai se relacionar com o restante da sociedade". Isso passa a se vincular à religiosidade quando "as igrejas evangélicas [neopentecostais] se apropriam desse ideário e o desenvolvem por meio de uma teologia – a teologia da prosperidade, que considera cada indivíduo justamente como um investimento ou uma empresa", fortalecendo a ideologia neoliberal e as concepções conservadoras da classe média "por meio da maneira como as igrejas evangélicas incorporam o neoliberalismo, com uma teologia para isso" (CHAUÍ, 2016, p. 2).

Somando-se a isso, o conservadorismo atual tem suas raízes fundadas lá no século XVIII, com foco em conservar valores e instituições como a monarquia e a religião cristã, consideradas pilares da civilização. No entanto, adaptando o discurso às reivindicações atuais, o conservadorismo contemporâneo (neoconservadorismo) vai na contramão de qualquer iniciativa para reduzir desigualdades de gênero, pois associa isso à ruptura da fundação da sociedade. Para os adeptos, foi justamente a ruptura com essas bases da civilização que apagou as "diferenças naturais" existentes entre os indivíduos, como de classe, entre sexos e raciais. Ou seja, abandonar esses elementos, que correspondem à ordem social vigente, levaria a uma "degradação cultural" sem precedentes cuja prova estaria na força que grupos minoritários vêm adquirindo (ALMEIDA, 2018).

Outro discurso associa ignorância ao eleitorado mais pobre, postura que se disseminou após a reeleição de Lula, sutilmente questionando o resultado eleitoral e posicionando uma suposta racionalidade inferior às classes mais pobres, principalmente em relação ao nordeste. A defesa das elites, que, inclusive, são estimuladas e vistas como mais aptas ao exercício do governo, também está presente no neoconservadorismo, justamente para efetivar a restauração da autoridade e o restabelecimento da ordem. A ideologia da direita representa, sempre, a existência (e as exigências) de forças empenhadas em conservar seus privilégios, daí seu conservadorismo intrínseco (ALMEIDA, 2018; KONDER, 2019). Poderíamos dizer que é a confirmação de uma perspectiva clássica sobre a direita, em que pese suas novas roupagens.

No Brasil, um dos elementos mais preocupantes relacionados às novas direitas é o apelo aos militares (LOWY, 2015). Para Chauí, isso fica mais evidente a partir de 2015 e se dá devido à perspectiva de manutenção das estruturas. Para que isso se perpetue, a violência estruturante é necessária, fundada nos ideais de hierarquia, verticalidade, autoritarismo e, claro, conservadorismo, além da reafirmação e manutenção dos privilégios das classes mais altas, enquanto os direitos dos grupos marginalizados são vistos como assistencialismo (CHAUÍ, 2016; MORAIS, 2019).

Entendendo o terreno sobre o qual se fundam as novas direitas no Brasil, recorreremos novamente a Konder para nos auxiliar no conceito de fascismo, utilizado, por vezes, até de maneira irresponsável nos dias atuais. Para o autor, o fascismo "é um movimento político de conteúdo social conservador, se disfarça sob uma máscara 'modernizadora', guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionais e conciliando-os com os procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório" (KONDER, 2009, p. 53). Também carrega características antiliberais, antidemocráticas, antissocialistas, antioperárias e chauvinistas. Para Konder, "seu crescimento num país pressupõe condições históricas especiais, pressupõe uma preparação reacionária que tenha sido capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes a influência junto às massas)", além das condições da "sociedade de massas de consumo dirigido" e da existência do capital financeiro (fusão do capital bancário com o capital industrial) (2009, p. 53).

Além de o fascismo ser um movimento ideologicamente de direita, seu sucesso enquanto comunicação é indiscutível. Hoje, os discursos soam absurdos, mas foram potentes o suficiente para legitimar um genocídio violento e cruel. Reforçamos que, ao trazermos as referências de comunicação empregadas com sucesso pelo fascismo clássico, não estamos unificando as perspectivas políticas das novas direitas, mas sim ressaltando que, mesmo se tratando de um novo momento para a(s) direita(s), a comunicação ainda é uma ferramenta importante para ampliação e

fortalecimento de seus discursos, e esses últimos, sim, aproximam-se, visto que as oportunidades políticas têm surgido de diferentes maneiras na contemporaneidade, e essas mudanças, especificamente nessas estruturas, possibilitam uma maior abertura para a ação de determinados grupos. Nos últimos anos, conforme as gerações se têm tornado nativas digitais, a habilidade no uso e o domínio da lógica das mídias conectadas em redes sociais têm contribuído para a abertura de novas brechas nas movimentações políticas que temos acompanhado (ROCHA, 2018).

Casara (2018, p. 75) dá-nos suporte e é cirúrgico ao lembrar que "a mídia tem a capacidade de fixar sentidos e reforçar ideologias, o que interfere na formação da opinião pública e na construção do imaginário social". Para o autor, "a propaganda neoliberal, de fórmulas mágicas e revolucionárias, torna-se no imaginário da população a nova referência de transformação e progresso", contribuindo para a popularização de caráter massivo de tal perspectiva. Para Casimiro (2018, p. 43), "a reprodução desse tipo de concepção passou a ganhar muita força em virtude dos novos meios de comunicação digital e das redes sociais", sem diferenciação entre as classes que, na efetivação da perspectiva política neoliberal, não obtêm vantagem. Desde 2013, conforme Silveira (2015 *apud* MORAIS, 2019), o uso das mídias sociais digitais pelas novas direitas vem organizando manifestações e canalizando, de forma eficiente e significativa, as visões de distintos grupos conservadores para concordâncias em relação a temas como orientação sexual, políticas de educação e de gênero e concepções sociais, como as de família e em relação a valores morais. Esse paralelo é importante devido às similaridades entre os discursos disseminados na atualidade e, de acordo com Maitino (2018, p. 115), "os discursos de políticos da direita brasileira devem ser um material central para estudá-la, sinalizando os valores que sustentam as coalizões, as fronteiras entre grupos e as divergências entre diferentes formações de direita".

Da mesma forma que aconteceu no regime

fascista, a imagem difundida pelas novas direitas disfarça o conteúdo social-conservador e foca atenção no "estilo novo", "dinâmico", nas potencialidades "modernizadoras" vinculadas às políticas que propõe (KONDER, 2009). Outra conexão entre os discursos, vale destacar, é a exaltação nacionalista trazida durante a campanha de Bolsonaro, "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", que também é o brado da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército e repete o lema da Alemanha nazista de Adolf Hitler, "Alemanha acima de tudo"³. Em síntese, um representante autodeclarado de direita, cujo mote exalta o mito nacionalista e a religião, aproximando-se do discurso fascista "opondo comunismo, autoritarismo e fragmentação a capitalismo, democracia e unidade nacional [...] constrói um discurso pautado no antipetismo" (MAITINO, 2018, p. 123). Esse discurso se amplifica sobremaneira nas mídias sociais digitais e reúne adeptos, animados pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff, sob a perspectiva de estar "vencendo" o "inimigo comum".

2 Nas redes e nas ruas: a internet no centro do pleito

A internet não é mais uma tecnologia, uma ferramenta, um meio. A internet, ao menos no decorrer desta pesquisa, tem-se mostrado como uma representação da realidade, uma lupa sobre os movimentos, ações e desdobramentos sociopolíticos, culturais, entre outros, que se desenrolam de maneira muito mais dinâmica – e orgânica – no digital. A ideia do "*first mobile*"⁴, que era regra apenas na área de tecnologia da informação, passa a valer para praticamente tudo: uma publicação no Instagram antes de almoçar, um *tweet* antes do show, um *stories* com a roupa para sair à noite *etc.* Assim, se tudo perpassa o digital e os smartphones já são quase uma extensão da nossa memória, da nossa agenda, da nossa vida, por que seria diferente em relação às escolhas políticas que fazemos? As Eleições 2018 mostraram que, de fato, não é. Como apontam Pretto e Riccio (2010, p. 157), "há uma nova forma

³ *Deutschland über alles*, no idioma original.

⁴ Em tradução livre do conceito, representamos como "primeiro para dispositivos móveis".

de pensar e de se produzir conhecimentos, com uma outra lógica que considera os processos comunicacionais – quase instantâneos – como elementos transformadores das realidades locais”.

A tecnologia desenvolvida com objetivo de trocar informações entre os militares, configurada em meio pela maneira como os usuários a utilizam, que já vinha ganhando importância significativa desde as Jornadas de Junho de 2013 e o pleito de 2014, configurou-se como centro do debate. Seguindo os desmembramentos do item anterior, aqui analisamos a presença digital dos polos mais enfatizados durante as Eleições 2018: os discursos emergentes das novas direitas e a manifestação das mulheres contra Jair Bolsonaro, cujas estratégias digitais estão entrelaçadas com o tema desta pesquisa, visto que as notícias falsas beneficiaram a candidatura supracitada, principalmente no segundo turno das Eleições 2018.

2.1 A perspectiva dos bolsonaristas no WhatsApp

Torna-se cômico o fato de estarmos lançando olhares analíticos para uma eleição marcada pela troca de mensagens via *smartphones*, com o aplicativo WhatsApp, justamente no ano em que as propagandas eleitorais por telefone foram proibidas. A modificação dos cenários em um espaço de quatro anos não poderia ser mais intensa, espantosa e complexa de assimilar. Casimiro (2018, p. 44) reforça uma preocupação em relação à crescente popularização dos discursos das novas direitas. Para o autor, “além da maior difusão do pensamento liberal-conservador, narrativas revisionistas e as *fake news* passaram a 'redimir' determinados discursos de ódio, tidos como inaceitáveis e repulsivos por décadas pela maioria da sociedade”. Como pode ser observado na repetição por parte das novas direitas, o “crescente investimento na propaganda, servindo-se de novas técnicas e de novos meios de comunicação, abre também novas possibilidades para a ação política” (KONDER, 2009, p. 47). O que muda, de fato, são os meios: “os debates nas redes sociais, operados por milhões, desafiam o discurso controlado dos meios de comunicação de massas” (CASTELLS, [2013]).

As mídias digitais representam, na verdade, a multiplicação de várias autocomunicações, conforme Castells ([2013]), que trazem “autonomia na emissão de mensagens, autonomia na seleção da recepção de mensagens, autonomia na organização de redes sociais próprias e na organização de um hipertexto cognitivo e formativo em que estão todas as informações digitalizadas”. Para Morais (2019, p. 156), o discurso da extrema direita atual no Brasil (re)organiza-se simbolicamente e converge para distintas culturas conservadoras, como o entendimento de cada indivíduo como investimento/empresa; a propriedade privada como direito sagrado, acompanhada pelo acúmulo de riqueza como principal indicativo de liberdade e de progresso; a família cristã como reflexo dos valores morais; “a rigidez corporativa/hierárquica como princípio da organização social, [...] a (re)aproximação entre Estado e Religião como garantia de hegemonia política dos grupos dominantes e [...] o uso da violência como condição estruturante da ordem e do progresso”.

Esses discursos, em 2018, foram maquiados e reorganizados em um formato supostamente jornalístico, visando potencializar sua disseminação e aderência por parte de um público que carecia de argumentos para alimentar seus próprios discursos de ódio, as chamadas *fake news*. Antes de serem distribuídas, no entanto, essas informações falsas precisam ser produzidas, descontextualizadas e disfarçadas de conteúdo relevante, secreto ou omitido do público, com fins supostamente conspiratórios. Sites que se disfarçam de veículos jornalísticos e enganam os leitores, utilizando nomes de fontes conhecidas para gerar credibilidade, como outros próprios veículos jornalísticos, surgiram exponencialmente para dar vazão e atender essa lacuna discursiva. O conteúdo gerado por esses sites soma-se a correntes, *memes* e vídeos que reforçam o objetivo de descontextualizar as informações para confundir o leitor e, conseqüentemente, direcionar sua formação de opinião. O perigo reside justamente aí: todas as decisões são baseadas nas informações que dispomos. Assim, além de fragilizar a relação com o jornalismo

sério, que sofreu golpes de descrédito (alguns conglomerados midiáticos, inclusive, perderam apoio financeiro governamental), o que esses movimentos propagadores de mentiras fazem é manipular determinada parcela da população para seus próprios interesses.

Para Martín-Barbero (2005, p. 19), "a informação se converteu em um novo paradigma de organização da sociedade", perpassando questões de acesso e distribuição das mídias, além de questões técnicas intrínsecas ao funcionamento da internet, como algoritmos ou *bots*, que têm desempenhado papel importante quando se trata da comunicação via mídias sociais e disseminação desse discurso de ódio na atualidade. "Como esses bots garantem um enorme volume de interações programadas e automáticas [...], o uso dos mesmos, para além de garantir à publicação a máscara de qualidade, ainda proporciona uma elevação do alcance inicial potencial da mesma", explica Coelho (2018, p. 73). Importante frisar a relação íntima que *bots* possuem com os discursos de ódio da atualidade e o seu alinhamento com a pauta das novas direitas. Coelho relata que "um verdadeiro exército de bots invade qualquer discussão iniciada, em qualquer página, com o simples intuito de disseminação de discurso de ódio, se pautando sempre em posições retrógradas e, muitas vezes, desumanas", buscando inserir algoritmicamente a pauta em relevância para as mídias sociais, e isso, "quando consideramos o universo da política e sua reverberação nas e pelas redes sociais, nos mostra consequências gravíssimas e que preocupam o futuro das democracias" (COELHO, 2018, p. 74).

Barros (2007, p. 150) apresenta-nos, ainda, mais um reflexo do pensamento colonizador que faz pano de fundo para os discursos das novas direitas: "o discurso intolerante é, sobretudo, um discurso de sanção aos sujeitos considerados maus cumpridores de certos contratos sociais (por exemplo, de branqueamento da sociedade, de pureza linguística)" e que, portanto, devem ser reconhecidos "como pretos ignorantes, usuários de língua incorreta, índios, bárbaros, judeus ex-

ploradores, árabes fanáticos, e punidos (com a perda de direitos, de emprego, com a morte)", reforçando o caráter de ódio potencializado pela ação **nas** e **com as** mídias sociais digitais. Conforme Castells (2013), apesar de a rede não garantir totalmente a liberdade dos indivíduos nas suas comunicações, torna muito mais difícil a opressão – tanto para grupos excluídos e marginalizados quanto para os grupos dominantes. "A censura permite identificar e punir o mensageiro, mas não pode deter a mensagem", o que favorece que esses discursos sejam potencializados a fim de conquistar relevância a partir do funcionamento dos algoritmos das ferramentas.

2.2 A perspectiva das mulheres no Twitter

Antes de tudo, para entendermos como os discursos e as ações dos movimentos sociais minoritários também se inflamaram nas redes, e de lá para as ruas, precisamos ter claro o conceito de Castells (2017, p. 62): "foi essa multimodalidade da comunicação autônoma que quebrou as barreiras do isolamento e tornou possível superar o medo provocado pelo ato de juntar-se e compartilhar". Apesar de a publicação de Castells ser do ano anterior ao "Ele Não", a articulação brasileira parece estar alinhada com os demais movimentos (no sentido de movimentações), ocorridos em anos anteriores, que inauguraram um novo momento nas democracias ao redor do mundo. Além disso, dá conta de que as diferentes ferramentas utilizadas para a narrativa dos acontecimentos relacionados à manifestação contra Bolsonaro, articulada, em um primeiro momento, via Facebook, demonstram a atuação de um público também diverso e de demais segmentos que estão se apropriando da tecnologia para impulsionar e atribuir a importância que lhes é negada pela mídia tradicional às ações de rua as quais estão engajados (BITTENCOURT, 2015).

Quando falamos do "Ele Não", precisamos ter em mente que este pode ter sido **o primeiro movimento feminista genuinamente brasileiro articulado de forma online**, bem como esse cenário é propício para a emergência de uma nova

Onda⁵ do Feminismo. Segundo Rocha (2017, p. 11), "as ferramentas tecnológicas têm-se demonstrado um ativo de grande valor na difusão de ideias, manifestos e produção de mudanças culturais; inserindo em seu bojo a defesa e a disseminação de movimentos sociais relevantes, como o feminismo". Durante os dois últimos séculos, as mulheres vêm buscando desocupar os espaços na sociedade, majoritariamente composto por homens, e retomá-los para si mesmas, redefinindo lugares sociais a que foram submetidas, questionando e rompendo com as representações de si impostas socialmente. Os movimentos feministas têm acompanhado outros movimentos pulsantes, entre recuos e avanços, ao voltar o olhar também para questões de classe, raça e gênero. Para Mesquita (2019), os problemas que as mulheres enfrentam são expressões da questão social, enfatizados pelas relações definidas pelo gênero ao qual pertencem.

O que acontece é que fomos (ainda estamos?) criadas dentro de uma cultura que privilegia o patriarcado e sua manutenção ao mesmo tempo que multiplica e fertiliza, subconsciente e silenciosamente, pequenas ações cotidianas, expressões, frases, "piadas", cujo objetivo maior é a manutenção da estrutura social vigente, a fim de privilegiar sujeitos direcionados pela régua europeia colonizadora de atribuição de valor humano. Para nós, mulheres, nunca foi dada uma escolha real além dessa herança: um acessório do capitalismo, produção de mão de obra barata por meio da reprodução e da criminalização da contracepção (FEDERICI, 2017). Então começamos, aos poucos, a multiplicar as vozes que já brigavam por todas nós tempos atrás. A internet tem sido a rede fundamental para nos impulsionar a dúvida sobre o lugar social a nós designado, sobre nosso próprio valor enquanto sujeito, para o empoderamento feminino, e isso se tem espalhado e chegado a cada vez mais mulheres. O 29 de setembro de 2018 foi a materialização da união entre os diversos feminismos contemporâneos brasileiros e, seguindo a perspectiva de

Castells, o resultado de uma sequência de ações que culmina com a manifestação mais pura da sensação de indignação e esperança. As redes sociais digitais são espaço de autonomia e horizontalidade, pelo qual o contrapoder se organiza e se articula, subvertendo o processo de comunicação até então articulado apenas por grupos no poder. Segundo o autor, "a luta fundamental pelo poder é a batalha pela construção de significado na mente das pessoas" (CASTELLS, 2017, p. 21).

O maior ganho atual do movimento Feminista é a diversidade de lutas particulares englobadas: decoloniais, pós-coloniais, de mulheres negras, de mulheres trans, acadêmicas, do próprio mercado de trabalho, entre outras. Esse cotidiano foi mapeado pela pesquisa realizada por Mesquita (2019), em que a autora comenta que a articulação via internet está cada vez maior pelo uso de *hashtags*, como a "#elenão". "Os grupos feministas têm ocupado as mídias, formado coletivos e sensibilizado milhares de mulheres com seus textos e o uso de *hashtag* com frases de efeito". As *hashtags* são maneiras de se organizar na internet sem necessariamente estarem vinculadas a determinado grupo ou coletivo. Organicamente, é por meio delas que se proporciona foco em um debate central. Foram bastante midiáticas postagens inseridas nas *hashtags* "#meuamigosecreto" e "#meuprimeiroassedio", que tratavam, respectivamente, os machismos de homens do círculo mais próximo, como familiares e colegas de trabalho, e as primeiras situações de assédio que as mulheres vivenciaram, nas quais cada relato motivava outra mulher a apresentar sua história (MESQUITA, 2019).

Essas configurações, as características, o ambiente e a emergência desses discursos foram fundamentais para que as mulheres se organizassem com a "#elenão" contra Jair Bolsonaro. Na época candidato à presidência do Brasil, ele frequentemente fez declarações que hierarquizavam homens e mulheres, colocando-as em patamar inferior. Chegou a afirmar que as mulheres deveriam ganhar salários diferentes, ainda que nas mesmas funções, pois o fato de

⁵ Convencionou-se denominar os períodos de grande movimentação em torno de causas urgentes para as mulheres como *ondas*.

a mulher poder engravidar e tirar mais tempo de licença justificaria essa diferença; além disso, afirmou que ser pai de uma filha teria sido uma "fraquejada" [sic], entre outros absurdos, incluindo ter dito diretamente a uma mulher que não a estupraria porque "ela não merecia"⁶. As mulheres acompanharam enfaticamente o processo eleitoral e rejeitaram veementemente o então candidato, a ponto de sua rejeição alcançar 55% entre o público feminino. Essa foi a base para que surgisse, primeiramente no Facebook, o grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) e, então, a *hashtag* que impulsionaria a movimentação para além das mídias sociais, a "#elenão".

O que as mídias sociais digitais explicitaram foi a articulação plural e independente de uma união feminina extremamente abrangente em nível nacional e internacional. Por meio da *hashtag* "#elenao", o mundo todo somou voz nessa movimentação. Para a jornalista Fernanda Becker (EL PAÍS, [2018]), o "Ele Não" "quer mostrar que é possível construir uma coalizão um pouco mais transversal que atravesse as *bolhas*⁷ das redes sociais de novo. A base é o rechaço das mulheres a Bolsonaro", que aconteceu sob uma organização plural e independente, unida contra o referido candidato, extrapolando até mesmo o partidarismo político dos participantes.

Essa "mobilização construída e divulgada na internet, a interseccionalidade e a atuação por meio de coletivos" (PEREZ; RICOLDI, [2018]) são características comuns observadas em movimentos feministas da América Latina, principalmente nas últimas duas décadas. Para as autoras (2018), essas são características que podem ser atribuídas a uma emergente Quarta Onda do Feminismo que, pelas pesquisas iniciais, demonstra acompanhar a expansão do acesso à internet – o que torna possível a configuração e a divulgação de diferentes vertentes dentro de um mesmo movimento. Insere-se o "#EleNão", portanto, sob a ótica da Quarta Onda do Feminismo porque se conecta ao "fenômeno do ativismo digital, que

tem como pano de fundo o feminismo em sua vertente contemporânea" (ROCHA, 2017, p. 11).

Concordando com a autora (2017, p. 11), "as ferramentas tecnológicas têm-se demonstrado um ativo de grande valor na difusão de ideias, manifestos e produção de mudanças culturais; inserindo em seu bojo a defesa e disseminação de movimentos sociais relevantes, como o feminismo". Nesse cenário, o feminismo interseccional desponta como uma das bases mais importantes, pois os coletivos passam a ser responsáveis pela discussão e atuação dos feminismos (no plural); não deixam de atuar nas suas especificidades, mas promovem a união em torno de pautas macro e favorecem um número maior de grupos sociais. Isso é semelhante aos denominadores comuns que as novas direitas vêm encontrando para se unirem.

Segundo o olhar das autoras, a Quarta Onda do movimento Feminista já nasce em uma perspectiva decolonial, uma vez que é genuinamente latino-americana, justamente a partir da falta de pluralidade que os feminismos europeu e norte-americano não conseguiram dar conta. Essas mulheres, ainda que majoritariamente jovens, têm conquistado liberdade para mencionar suas questões essenciais, de modo claro e eventualmente até impositivo, promovendo rupturas em relações, estruturas e discursos antes inquestionáveis e desfazendo qualquer tentativa de hierarquia e de mordada que se tente colocar. Vê-las nas ruas e nas redes, e das redes para as ruas, transborda esse sentimento de empoderamento, de um movimento que não pode – e nem vai mais – retroceder. O digital, o *online*, a internet, as *hashtags*, enfim, têm a proposta (se não a missão) de unir sentimentos similares e, conseqüentemente, as vozes até então silenciadas (MESQUITA, 2019).

Considerações finais

No Brasil, em 2017, 74,9% dos domicílios já contavam com acesso à internet, segundo o IBGE. Explica-se, assim, o fato de a internet estar re-

⁶ Essa frase foi proferida por Jair Bolsonaro, dirigida à deputada Maria do Rosário em dois momentos distintos, em 2003 e novamente em 2014.

⁷ Termo que, neste ponto do texto, refere-se a nichos específicos nas mídias sociais digitais, diferentemente do termo cunhado por Eli Pariser (2012), *bolha dos filtros*, que possui significado distinto.

configurando praticamente todos os modelos de interação com o mundo até então estabelecidos, de modo contínuo. Não podemos mais olhá-la como um segmento separado da sociedade, já superamos a época de tratá-la como um universo à parte. A internet não pode mais ser considerada como um lugar, um espaço isolado; ela é um mediador – por onde, muitas vezes, dá-se o primeiro ímpeto necessário para provocar mudanças estruturais na sociedade.

Ao mesmo tempo que é assustadora essa capacidade de catalisar ideais, vozes e perspectivas quando analisamos a inteligência e a organização das novas direitas por meios digitais para propagar ideais ultrapassados, conservadores e que promovem uma violência sistêmica, que acarreta na total desvalorização da pluralidade social, é encantadora a maneira como grupos historicamente excluídos e marginalizados têm encontrado, em rede, força, argumento, amparo e a constatação de que o rótulo de minoria não vai mais colar. Novas vias de mudança social, mediante a capacidade autônoma de estabelecer comunicação, organizar-se e integrar-se a organizações já constituídas, têm sido descobertas por uma nova geração de ativistas.

O "#elenão" foi o movimento mais relevante e apartidário de mulheres contra um candidato à presidência. Podemos considerar, além da potência da internet em amplificar as vozes – para o bem e para o mal –, que a midiáticação do ativismo foi um outro estímulo para que tantas pessoas se unissem em rede. Castells (2017) aponta os elementos comuns que organizam e articulam os movimentos sociais em rede. A partir da sensação de empoderamento, ele traça uma linha do tempo ao contrário: nascida do desprezo pelos seus governos e classe política, estimulada pela indignação oriunda da cumplicidade entre as elites financeira e política, desencadeada por um pico emocional a partir de algum evento insuperável, levando à superação do medo "mediante a proximidade construída nas redes do ciberespaço e nas comunidades do espaço urbano" (2017, p. 34).

Portanto, quando falamos da midiáticação do ativismo, não é no sentido pejorativo que superfi-

cialmente possa ser atribuído ao processo. Muito pelo contrário: é sobre a força que as atividades midiáticas somam aos movimentos, sejam elas digitais ou não. A partir do entendimento de que comunicar e reportar os fatos deve ser uma prática cotidiana dentro das mobilizações, a apropriação de ferramentas de comunicação para produção desses conteúdos e potencialização de sua circulação retira dos grandes conglomerados, até então detentores isolados, o poder que a (auto) comunicação de massa carrega. Para Castells (2017, p. 26), "a autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais ao permitir que movimentos se formem e possibilitar que eles se relacionem com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação". Essa midiáticação, então, estimulou ainda mais a multiplicação de subgrupos dentro dos movimentos, também independentes, que se autodenominam como responsáveis pela cobertura a partir das mídias sociais digitais, extrapolando suas próprias redes e contribuindo para a organização dos protestos, mas principalmente produzindo e fazendo circular narrativas paralelas e, definitivamente, ampliando os pontos de vista que o jornalismo tradicional nunca deu conta de contemplar em suas produções.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. In: GALLEGU, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 27-32.

ARANTES, P. E. Nova direita surgiu após junho, diz filósofo: depoimento. [Entrevista cedida a] Eleanora de Lucena. *Revista Folha de S. Paulo*, 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1541085-nova-direita-surgiu-apos-junho-diz-filosofo.shtml>. Acesso em: 25 abr. 2016.

BARROS, D. L. P. A identidade intolerante no discurso separatista. *Filologia Linguística Portuguesa*, v. 9, p. 147-67, 2007.

CASARA, Rubens. Precisamos falar da "direita jurídica". In: GALLEGU, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. p 73-78.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 41-52

CASTELLS, Manuel. Conferencistas: Manuel Castells. Disponível em: <https://www.fronteras.com/conferencistas/manuel-castells>. Acesso em: 5 abr. 2018.

CHAUÍ, M. 2016. Sociedade brasileira: violência e autoritarismo por todos os lados: depoimento. [Entrevista cedida a] Juvenal Savian Filho e Laís Modelli. *Revista Cult*, 2016. Disponível em: www.revistacult.uol.com.br/home/2016/02/sociedade-brasileira-violencia-e-autoritarismo-por-todos-os-lados. Acesso em: 25 abr. 2020.

COELHO, Denis Augusto Carneiro. *Bolhas de Ódio: O Ódio como Componente Político nas Dinâmicas Interacionais Societárias Mediadas por Tecnologias de Comunicação Instantânea (TCIs)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. São Paulo, 2018.

GALLEGO, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE. [20--]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 9 abr. 2021.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, n. 124, p. 652-64, 2015.

MAITINO, Martin Egon. "Direita, sem vergonha": conformações no campo da direita no Brasil a partir do discurso de Jair Bolsonaro. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 111-134, dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/download/149018/146178/>. Acesso em: 12 out. 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. Cultura y Nuevas Mediaciones Tecnológicas. In: *América Latina otras visiones desde la cultura: Ciudadanías, Juventud, Convivencia, Migraciones, Pueblos Originarios, Mediaciones tecnológicas*. Convenio Andres Bello: Colombia, 2005.

MESQUITA, Paula Fabrícia Brandão Aguiar. Quando elas dizem #elena: análise sobre os novos feminismos e coletivos juvenis on line. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 19., 2019, Florianópolis. *Resumos [...]*. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: http://www.sbs2019.sbsociologia.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=38. Acesso em: 12 ago. 2020.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. p 17-26.

MORAIS, A. R. A. DE. O discurso político da extrema-direita brasileira na atualidade. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 20, n. 1, p. 152-172, 4 mar. 2019.

PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. A quarta onda do feminismo?: Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 42., 2018, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu, MG: out. 2018. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt08-27/11177-a-quarta-onda-do-feminismo-reflexoes-sobre-movimentos-feministas-contemporaneos?path=42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt08-27>. Acesso em: 13 set. 2019.

PNAD Continua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. Agência Ibgc Notícias. [S. l.], 29 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 29 jul. 2020.

ROCHA, Fernanda De Brito Mota. *A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/unisinos/6728>. Acesso em: 12 jun. 2019.

Diulia Soares

Mestranda em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), em Chapecó, SC, Brasil.

Endereço para correspondência

Diulia Soares

Universidade Federal da Fronteira Sul

Av. Fernando Machado, 108 E

Centro, 89801-501

Chapecó, SC, Brasil